

## A INFLUÊNCIA DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA LEITORA NA SUA PRÁTICA DOCENTE

*\*Silvana Neumann Martins*  
*\*\*Jacqueline Silva da Silva*  
*\*\*\*Mariângela Costa Schneider*  
*\*\*\*\*Aline Diesel*  
*\*\*\*\*\*Luciane de Abreu*

**RESUMO:** Promover o incentivo à leitura constitui-se um dos principais objetivos da Educação Básica, sobretudo nos Anos Iniciais. Esse enfoque na leitura leva a interrogantes, tais como: professores leitores desenvolvem práticas educativas significativas para a formação de alunos leitores? Diante desse questionamento, pretende-se, neste artigo, relatar e refletir sobre momentos relevantes da trajetória de uma professora da Educação Básica que experimentou desde a infância possibilidades proporcionadas pelo livro e por outros meios de cultura e, em razão disso, tornou-se leitora. A investigação, de abordagem qualitativa, foi realizada através de entrevista semiestruturada com uma professora. O tratamento das informações seguiu as orientações da Análise Textual Discursiva. As abordagens permitiram concluir que essa professora, por cultivar o hábito da leitura desde muito cedo, desenvolve com seus alunos práticas educativas significativas para a formação de leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Características do docente. Hábito de leitura. Prática pedagógica. Ensino Fundamental.

### **PALAVRAS INICIAIS**

Contemporaneamente, com o avanço científico e tecnológico, e com a difusão do acesso às tecnologias, as informações chegam às pessoas, veiculadas das mais diversas formas. Porém, apesar do acesso às informações estar sendo facilitado com as tecnologias, isso não garante que as pessoas tenham mais conhecimento.

As escolas, os alunos e os professores estão nesse contexto, dividindo-se entre os livros e as tecnologias. A leitura vem sendo reduzida a contatos rápidos e informações superficiais obtidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Porém, é importante salientar que o problema da falta de interesse pela leitura não está relacionado somente a meios de comunicação rápidos e simplificados. Talvez, o gosto pela

---

\* Doutora em Educação pela PUCRS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da UNIVATES. E-mail: smartins@univates.br.

\*\* Doutora em Educação pela UFRGS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da UNIVATES. E-mail: jacqueh@univates.br.

\*\*\* Mestre em Ensino e graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIVATES, coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Lajeado/RS, setor Educação Infantil. E-mail: mariangelac@universo.univates.br.

\*\*\*\* Mestranda em Ensino e graduada em Letras pelo Centro Universitário UNIVATES, bolsista Prosup/Capes. E-mail: aline.diesel@hotmail.com.

\*\*\*\*\* Mestre em Educação pela UFRGS e pedagoga pela Unisinos. Docente do Colégio Madre Bárbara (Lajeado/RS). E-mail: luabreu.educar@yahoo.com.br.

leitura não vem sendo desenvolvido de forma tão intensa quanto o gosto pelas tecnologias. A falta de leitura, que vem sendo percebida nas escolas, traz consigo a dificuldade em ler, interpretar e compreender o que se lê.

A abertura de espaço para a reflexão sobre o assunto pode ser uma alternativa para tentar encontrar respostas ao que tanto nos perguntamos: por que as pessoas leem menos? Será que todos os professores consideram a leitura importante? Há, realmente, um conflito de espaços entre os meios de informação e de comunicação e os livros?

Sabe-se que para abrir um livro não é possível que se dê apenas um clique. É necessário manuseá-lo e ler atentamente página por página, desligando-se de muitos estímulos externos para poder “mergulhar” na leitura. Acredita-se que os livros, para serem analisados e apreciados, precisam ser tocados, sentidos e lidos com os olhos, as mãos e o conjunto de acessórios necessários para decodificar, compreender e interpretar a leitura: o cérebro e as experiências vividas.

Mas, qual será o grande segredo para despertar o gosto pela leitura e pela literatura? Será que o livro pode estar sendo esquecido pelas novas gerações, que buscam suas informações e conhecimentos de forma instantânea, recorrendo quase sempre aos sites de busca que a internet oferece? Ou será que os livros não estão sendo apresentados às crianças de maneira tão efetiva quanto as TICs?

A escola e os professores que, espera-se, ainda reconhecem nos livros a fonte para a construção de conhecimento e o apreço pela informação, parecem estar perdidos em meio a este mundo que vem modificando-se tão rapidamente. A tarefa de transformar a informação em conhecimento vem sendo uma tarefa desafiadora para os docentes. O livro, nesta lógica, pode ser um grande aliado, uma vez que traz uma informação não tão efêmera quanto a oferecida pelos meios de comunicação.

Porém, apesar de reconhecerem a importância dos livros, muitos professores não estão conseguindo fazer com que os alunos percebam o livro como fonte de conhecimento e de prazer, pois, infelizmente, muitos dos próprios professores não possuem o hábito de ler, e, com isto, seu repertório cultural também fica limitado.

E é nesse sentido que nasce esta escrita, a qual pretende relatar e refletir sobre momentos relevantes da trajetória de uma professora da Educação Básica que experimentou desde a infância possibilidades proporcionadas pelo livro e por outros meios de cultura e, em razão disso, tornou-se leitora. Nesse percurso, vem à tona a docente investigada,

constituída por muita literatura, música e apreço pela arte. A partir daí, essa docente transformou-se numa formadora de leitores, formadora, inclusive, de autores de um livro.

As questões acima apresentadas inquietam e levam às seguintes reflexões: professores leitores desenvolvem práticas educativas mais significativas para a formação de alunos leitores? Como o professor pode incentivar a formação de alunos leitores? A partir destes questionamentos, abre-se espaço para a discussão.

O presente artigo está organizado em seis etapas. Na primeira etapa são apresentadas as palavras iniciais para situar o leitor acerca da temática a ser abordada. A seguir, são trazidos os caminhos metodológicos utilizados. Na terceira etapa, busca-se abordar referenciais que tratam da importância da leitura. A etapa seguinte revela algumas considerações acerca da influência da leitura na formação do professor, para, então, serem apresentados aspectos relevantes do depoimento e as reflexões permitidas. E, por fim, são traçadas algumas considerações finais.

## **CAMINHOS DA ESCRITA**

Esta escrita integra o projeto de pesquisa: “Mestrados para formação de docentes: um locus de (re)construção e aprendizagem”, vinculado ao Programas de Pós-Graduação em Ensino e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, do Centro Universitário UNIVATES, situado em Lajeado/R.S.

Como objetivo, a pesquisa buscou investigar as contribuições dos cursos de Pós-Graduação em ensino e das licenciaturas da Univates na formação e atuação de seus alunos, verificando de que forma os profissionais, formados ou em formação, desenvolvem, no seu espaço de atuação, práticas pedagógicas empreendedoras e inovadoras, norteadas por metodologias ativas.

Neste sentido, como sujeito desta pesquisa, traz-se a prática de uma professora da Educação Básica que foi aluna da Univates em um curso de especialização lato sensu, e que é conhecida e reconhecida pelas comunidades escolares em que atua por estar sempre inovando na sala de aula, sendo que muitas de suas práticas escolares junto aos alunos desencadearam publicações e reconhecimento externo às instituições com as quais trabalha.

A professora atua em duas escolas particulares do município de Lajeado/RS, com turmas do 1º Ano do Ensino Fundamental. Tem uma experiência docente de vinte anos, vivenciando a prática da sala de aula na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, na coordenação pedagógica e na atuação junto à formação de professores. Essas formações são

ministradas por essa professora tanto em nível acadêmico, junto ao curso de Pedagogia PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), como também nas formações continuadas, em assessorias prestadas a municípios e redes particulares.

As informações para esta escrita foram obtidas de acordo com a metodologia proposta na pesquisa. A investigação ocorreu a partir da abordagem qualitativa de pesquisa, aproximando-se de um Estudo de Caso (YIN, 2005). Como instrumento de pesquisa, realizou-se uma entrevista semiestruturada com a professora investigada, que foi gravada e posteriormente transcrita. Além disso, o livro criado pela professora junto a uma das turmas com que trabalha também foi analisado.

O tratamento das informações seguiu as orientações da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2013) que prevê a desconstrução dos textos e a organização dos elementos deram-se por categorias emergentes. As categorias primeiramente foram denominadas de acordo com o sentido ou o significado atribuídos à fala da professora e em relação aos aportes teóricos desta pesquisa. Em seguida, fez-se a escolha pelas seguintes unidades: referenciais teóricos da professora, professora reflexiva, características da professora, situações de aprendizagem, experiência profissional, professora leitora, entre outras. Neste texto, abordar-se-á a categoria professora leitora.

### **AFINAL, POR QUE A LEITURA É TÃO IMPORTANTE?**

Das situações mais singelas às mais complexas, estamos em constante interação com outros sujeitos: com os membros da família, com os colegas de aula/trabalho, com amigos, com o autor de algum texto/livro, como espectadores da televisão, entre outros. Assim, muito antes de lermos por hábito, gosto ou prazer, “lemos porque temos necessidades que são criadas pelas relações sociais entre os indivíduos” (SILVA; ARENA, 2012, p. 5).

Nessa lógica, a escola tem o papel de provocar necessidades de leitura nos alunos, de modo que “vivenciem situações reais em que possam participar dessas situações ativamente, sendo sujeitos de suas aprendizagens e percebendo a função social que a leitura ocupa na vida humana” (SILVA; ARENA, 2012, p. 5). Os autores reforçam a necessidade de provocar a curiosidade nas crianças por meio de experiências com leituras:

[...] a literatura deve fazer parte da vida da criança também na escola da pequena infância, de forma provocada, intencional, em que as situações de contato com a literatura sejam criadoras de novas necessidades de ler, de conhecer, de expressão e de prazer por meio da relação dialógica que se estabelece com ela (SILVA; ARENA, 2012, p. 5).

Em razão disso, salienta-se que, quanto mais oportunidades de se deparar com a leitura a pessoa tiver, maior será a gama de possibilidades para que este indivíduo perceba na leitura uma forma de encontrar conhecimento e prazer. Por esse motivo, considera-se a escola como um ambiente propício a desenvolver práticas leitoras. E, por conseguinte, os professores podem ser aqueles que veiculam este prazer, assumindo uma postura leitora no seu dia a dia e trazendo para a sala de aula a diversidade de possibilidades que podem ser vistas nos livros.

Convém apresentar o que se entende por leitores: “[...] podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento” (AZEVEDO, 2004, p. 114).

Ao referir-se à leitura, neste texto, remete-se às diversas dimensões que o termo envolve, principalmente a que diz respeito a obras/narrativas literárias, pois estas são, muitas vezes, as que primeiro se apresentam às crianças dos anos iniciais da Educação Básica. Remete-se, também, a textos instrucionais (propagandas, receitas, etc.), informativos, entre outros, porém em menor intensidade.

Costa (2013) afirma que a literatura envolve três elementos muito preciosos: o inconsciente, a reprodução real e a palavra em estado de arte. Ao entrar em contato com uma obra literária, esses elementos permitem ao leitor conhecer formas diferentes de ver e compreender a realidade, o que, para a autora, é mediado pelo prazer da beleza e da descoberta de recursos linguísticos inovadores. A autora explica, ainda, que é dever da escola, enquanto instituição social, demonstrar que “[...] um bom texto literário faz com que a língua de todos os dias apareça em roupagem mais bonita e tratando de assuntos, personagens e situações narrativas que nem sempre fazem parte de nossas vivências” (COSTA, 2013, p. 10). É dever da escola promover o crescimento do leitor, por meio de contato com muitos e variados temas de leitura ou pelo compartilhamento e pela discussão de ideias com o uso de argumentação consistente e lógica (COSTA, 2013).

Silva e Arena (2012) reforçam a ideia de que a escola deva ser um dos espaços de promoção da leitura, mas consideram que não trabalham adequadamente as práticas leitoras com a comunidade escolar:

A aprendizagem da criança na escola se apoia na leitura e pode-se dizer que isso é consenso, uma vez que é por meio dela que a criança terá contato e poderá conhecer os diferentes conteúdos escolares. Embora haja o reconhecimento espontâneo de que ler é entender um texto, a escola contradiz com certa frequência essa afirmação, ao sustentar o ensino da

leitura em exercícios e tarefas que aparentam garantir o aprendizado da leitura pelas crianças [...] (SILVA; ARENA, 2012, p. 7, grifo nosso).

A escola precisa, desde muito cedo, promover vivências prazerosas com a leitura, dos mais diversos gêneros e suportes (texto literário em formato de livro impresso ou digital, notícia de jornal, propagandas, etc.), deixando de lado os exercícios de reprodução. Para os autores, as crianças são, desde pequenas, capazes de relacionar-se com o texto, questionando-o, fazendo previsões, escolhas, validando essas antecipações ou não. Sousa (2006, p. 29) converge com essa ideia:

[...] o acesso ao universo dos livros e dos mais variados registros escritos possibilitaria a construção de uma rede de conhecimentos e informações sobre o mundo e a humanidade da qual fazemos parte, estabelecendo e fortalecendo vínculos entre os leitores e os seus pares, outros homens.

Em outras palavras, uma criança leitora, no ato da leitura, traz os seus saberes para interagir e compreender o texto, o que permite a ela criar, modificar e elaborar novos conhecimentos.

[...] a educação literária, o gosto pela leitura e pela literatura nascem de uma necessidade que é criada pelo professor, pelo contato com os leitores mais experientes e com as situações em que as crianças possam pôr em jogo suas ideias, sua imaginação, fazer previsões e antecipações e validá-las ou não. (SILVA; ARENA, 2012, p. 8).

À medida que as crianças entram em contato com o universo da leitura, vão acessando inúmeras informações, referências culturais, conhecimentos prévios que têm e vão fazendo diversas relações. “A leitura é uma via de acesso para participar da cultura escrita, e, desse modo, ler se constitui numa necessidade essencial para garantir o pertencimento e a atuação ativa nessa sociedade” (SILVA; ARENA, 2012, p. 7). Assim, infere-se que a leitura pode oportunizar muitos encontros com novas culturas e tradições. Os livros podem ser favorecedores de que seus leitores aproximem-se e dialoguem com as mais diversas formas de expressão e cultura, como a dança, a música, o teatro e as artes plásticas.

Além disso, Britto (1999, p.84) considera que “[...] ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios processam informações codificadas em textos escritos”. E complementa:

A leitura se faz sempre sobre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar, já que ao ler um texto, o leitor mobiliza dois tipos de ‘informação’: aquelas que se constituíram em sua experiência de vida e aquelas que lhe fornece o autor em seu próprio texto. Desse modo, a leitura tem de ser pensada não

apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente construída (BRITTO, 1999, p.84).

Isso significa que a leitura contribui significativamente no que diz respeito aos repertórios infantis. A literatura pode ser um espaço de ludicidade e exploração criadora, que permite a adultos e a crianças fantasiar e ‘viajar’ num mundo encantador das histórias, rimas, parlendas, trava-língua, poesias. Segundo José (2007, p. 28), “A literatura [...] faz a criança superar os medos através da musicalidade das palavras, do lirismo mais puro, da ternura mais doce e do lúdico mais brincalhão”. A literatura explora as múltiplas linguagens que a criança possui, a criança aprende e experiencia variadas maneiras de comunicação no contexto em que está inserida por meio de tudo o que o livro provoca nela.

Nesse sentido, referem Corso e Corso (2006, p. 23): “Uma vida se faz de histórias, as que vivemos, as que contamos e as que nos contam”. Entre as heranças simbólicas que passam de geração a geração, com certeza, é inestimável o valor de importância das histórias no repertório infantil, pois despertam os sonhos, a ficção, a imaginação e a construção da representação do símbolo.

Nossas crianças continuam interessadas em seu próprio universo de mistérios, que sobrevive à aparente transparência da era das comunicações, com seu imperativo de tudo mostrar, tudo dizer, tudo exhibir. Mais ainda: este mundo que propõe trazer toda a riqueza subjetiva para uma zona de plena visibilidade parece convencer menos as crianças do que os adolescentes e adultos. As crianças continuam interessadas no mistério; se ele se empobrece, elas o reinventam. Da mesma forma, são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. (CORSO; CORSO, 2006 p. 17).

A formação do leitor também tem relação com valor que o núcleo familiar atribui à leitura. De acordo com Sousa (2006, p. 29), “[...] ter acesso a livros e outros materiais escritos na infância, às vivências de leitura como ouvir e contar histórias, e às experiências linguísticas que ocorrem no espaço familiar podem influenciar decisivamente nessa formação”.

Entretanto, não é possível afirmar que não serão leitoras as crianças que crescem em ambientes familiares sem condições de oferecer experiências de leituras devido a condições financeiras precárias ou a deficiências culturais dos membros da família. Isso porque a responsabilidade de formar leitores é, além da família, da escola, e o gosto pela leitura perpassa pelas singularidades de cada pessoa.

Dessa forma, infere-se que o apreço pela literatura está diretamente ligado às vivências de cada sujeito, às suas relações estabelecidas e às suas condições de vida. E,

quanto mais for ofertado o contato com a leitura, mais chances o sujeito terá de tornar-se um leitor comprometido e crítico de sua sociedade.

## **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR**

Conforme referido até aqui, a literatura é importante desde os primeiros contatos com a escola, de modo a formar leitores. Assim, mais tarde, mesmo que afastados do ambiente escolar, estarão aptos a escolher leituras, atribuindo-lhes valor e importância. Entra, então, em cena, o professor, um dos personagens fundamentais do cenário escolar, que influencia no contato e na interação da criança com o livro. É ele que, na maioria das vezes, escolhe a obra, faz a leitura e propõe reflexões a partir da narrativa. Costa (2013, p. 20) menciona que:

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade.

Isso leva à seguinte indagação: Como as experiências de vida do professor podem contribuir para promover a aproximação do aluno de anos iniciais ao livro de literatura? É o que se pretende discutir nesta seção.

Sousa (2006, p. 33) considera que “[...] a aprendizagem da leitura se constrói a partir de atividades compartilhadas de acesso ao significado, e não podemos esperar que o leitor em formação domine uma habilidade para a qual não foi instruído”. Em razão disso, é fundamental a mediação do professor, o qual pode “[...] transformar um caminho, para muitos, árduo e áspero, em um desafio instigante e apaixonante” (SOUSA, 2006, p. 33-34). A autora propõe a troca de ideias e posicionamentos sobre leituras entre professores e alunos, compartilhando experiências, ampliando os horizontes do ato de ler, estabelecendo significados diversos e pessoais sobre o universo da leitura.

As etapas da vida do professor são de suma importância para o desenvolvimento tanto da personalidade quanto do aspecto profissional, pois, conforme Silva (2010, p.23), se o professor “[...] durante sua infância e vida escolar, teve contato com histórias infantis ou qualquer outro tipo de leitura, é provável que tenha desenvolvido o hábito da leitura e que isso se faça presente em sua prática escolar”.

Entretanto, se o professor não reconhece a importância da leitura em sua vida, fazer com que seus alunos percebam que a leitura vai para muito além do que decifrar alguns símbolos escritos pode ser uma tarefa praticamente impossível (SILVA, 2010).



Convém ressaltar a importância que tem um exemplo do professor que lê e fala sobre a leitura e livros para seus alunos. Bamberger (2000) enfatiza que, já na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros e gravuras favorecem o desenvolvimento do vocabulário e, principalmente, contribuem para a motivação da leitura.

Portanto, ratifica-se que o hábito da leitura para o professor é fundamental para instrumentalizar-se enquanto professor, tanto em relação à didática quanto no que se refere à atualização do conteúdo, permitindo-lhe debater melhor com os alunos, ser capaz de assumir uma postura crítica, dando subsídios para provocar reflexões em sala de aula, o que poderá despertar o senso crítico nos alunos.

Cabe trazer à tona a percepção de que a prática da leitura é pouco habitual entre os professores, infelizmente. Talvez pelo fato de a leitura ser um “sofrido prazer” (BLOOM, 2001, p. 25), tendo em vista que, em tempos tecnológicos, seja um prazer mais fácil de ser conquistado o ato de assistir a um filme ou interagir nas redes sociais. Entretanto, para Bloom (2001), deveria ser um hábito pessoal e não apenas uma prática educativa. Nesse sentido, na sequência, apresentam-se algumas experiências de uma professora que foi se constituindo leitora ao longo de sua vida e, em razão disso, desenvolve práticas pedagógicas que contribuem para a formação de novos leitores.

## **PRÁTICAS DE UMA PROFESSORA LEITORA**

De acordo com a entrevista realizada com uma docente, percebe-se que ela vê o cotidiano educativo como um espaço cheio de incertezas, mas completamente desafiador e apaixonante, tendo em vista que ocupa nesse espaço a sensibilidade e o olhar atento de quem lê o mundo a partir de muitas linguagens. Na entrevista realizada, essa professora apresentou relatos que permitem relacionar com os aspectos teóricos apresentados até aqui.

Nesse viés, destacou, em seu depoimento, o contato desde a infância com diferentes artes, entre elas a música e a literatura.

*Quando eu era criança, eu tive um universo muito rico, minhas irmãs mais velhas me contavam muitas histórias. O meu pai ouvia muita música, tanto clássica, como MPB, então, era um universo que me estimulava, que me instigava a também gostar de arte, de histórias, de música. Eu tinha uma irmã que era fotógrafa e na época ela me levava pro laboratório onde ela trabalhava. Aquilo eu achava o máximo. E tinha uma outra irmã que contava muitas histórias antes de eu dormir e um dia me presenteou com uma coleção de livros chamados o “Mundo Mágico das Crianças”. Eu amava, pois além das histórias narradas por ela ou outro familiar, podia*

*escutar as músicas no disco de vinil e imaginar tudo aquilo que acontecia na história contada pelo narrador. (informação verbal)<sup>1</sup>*

Cunha e Marchesini (2001), na obra “O bom professor e sua prática”, bem como Souza (2006) e Silva (2010), consideram a família um ponto importante na formação do professor, por criarem um ambiente propício para a aprendizagem constante. Percebe-se que a formação da professora pesquisada iniciou antes de frequentar a escola, tendo uma forte influência da família, que proporcionou-lhe momentos de contato com diversas fontes de cultura e, principalmente, com os livros literários.

Diante dessa fala da professora, verificou-se que os repertórios que foram constituindo sua história de vida foram importantes para a ampliação de múltiplas linguagens como a literatura, a música e, inclusive, a fotografia. Esses elementos podem contribuir para a formação de um cidadão crítico, sensível, capaz de resolver situações complexas. Além disso, a experiência resultante do contato com essas fontes de cultura oportunizam a criação e a imaginação desde a infância. Percebe-se que, ao longo da caminhada profissional da professora entrevistada, foram emergindo essas experiências proporcionadas a ela desde a sua infância. No trecho seguinte, extraído da entrevista, a professora relata mais um pouco de como foi introduzida, já na infância, numa variedade cultural:

*Sou a sétima filha de uma família de oito irmãos, dentre os quais, sete mulheres e um homem, mas acalmem-se! Não sou a Bruxa, pois meu irmão nasceu antes de mim<sup>2</sup>. Ufa, escapei!!! Por aí já começam as brincadeiras relativas aos contos de fadas e histórias infantis que povoaram a minha vida durante minha infância. Dos discos de vinil às mais maravilhosas histórias – de princesas, fadas, bruxas, monstros, animais falantes, o Sítio do Pica-pau Amarelo, Madame Mim, A Feiticeira, Jeannie é um gênio, Topo Gigio, A ilha perdida (livro), a Ilha da Fantasia, Os Jetsons, A pantera cor de rosa, O elo perdido, Viajantes do espaço, O túnel do tempo, E.T. – e as mais diversas criaturas mágicas, nasceu uma apreciadora das diferentes manifestações artísticas. Da leitura, da escrita, da imagem, do ato de ouvir, de sentir, do teatro, do cinema, de penetrar naquele mundo construído pelas mais diferenciadas narrativas. Assim, convivi com diferentes expressões culturais: teatro, música, shows, apresentações em praças, brincadeiras de fotografar, mil jeitos de ser criança e começar a fazer escolhas, a organizar o mundo entre bom, mau, belo, feio, justo, injusto, falso, verdadeiro e os inúmeros binarismos que na infância se impõem quase como uma verdade, mas que, com o passar dos tempos, somos convidados a desconstruir. (extraído da entrevista).*

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com uma professora sobre sua experiência com a leitura. Os depoimentos desta professora serão apresentados, por parte, em vários trechos deste artigo.

<sup>2</sup> Referência à crença, divulgada pelas histórias infantis, de que a sétima filha em uma sequência de filhos do sexo feminino, torna-se uma bruxa.

Todo esse contato da professora com variadas histórias e personagens foi marcando a sua vida e constituindo modos únicos de ser criança e, na vida adulta, de ser professora. O fato dos seus pais e os seus irmãos instigarem-lhe momentos fantasiosos permitiu, talvez, que ela se tornasse uma profissional muito criativa em sua sala de aula. Assim, quando professora, ela foi introduzindo no cotidiano dos alunos experiências semelhantes as que vivenciou ainda na infância, trazendo para a sua sala de aula diversos livros e levando os alunos a experimentarem o teatro, a música, a literatura, as artes, entre outros. Isso aproximou os alunos da Educação Básica com os quais ela trabalha a um universo cultural mais amplo.

A escola é responsável pela formação do leitor juntamente com o professor que utiliza o livro como instrumento, no entanto, o livro é o meio, o subsídio para apresentar às crianças que a leitura é muito maior que o próprio livro. O livro é um passaporte para fazer diversos tipos de leitura: leitura de imagem, leitura da arte, da música, pois todos estes elementos despertam a imaginação, a criatividade, aguçam e ampliam o olhar sobre a vida. Lemos o mundo, lemos a vida, lemos as pessoas e, como diz Freire (1982, p. 10), a leitura “[...] de mundo precede a leitura da palavra [...]”. Pode-se entender, então, que as vivências da infância dizem muito sobre os repertórios que vão constituindo esse sujeito.

O mistério e o medo provocado pelas histórias são desafios para as crianças, pois elas não se cansam de solicitar que sejam repetidas, várias vezes, a mesma fala ou as passagens mais amedrontadoras das histórias infantis. O professor inventa e cria tantas histórias com as crianças e recheia esse universo com tantas possibilidades que juntos, crianças e professor, podem tornar-se coautores de um livro infantil, deixando de ser apenas ouvintes e passando a ser criadores.

Essa foi uma prática relatada pela professora entrevistada, que, juntamente com seus alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental produziram a história ‘Cabruxa, a bruxa inventada’ (ABREU, 2009). Segundo relato da professora, o livro criado envolveu as crianças de tal maneira que a cada dia a ‘Cabruxa’ se tornava mais próxima delas.

Para explicar como foi desenvolvido esse trabalho de produção de um livro, a professora relatou que tudo começou quando ela passou a focar o olhar sobre o interesse das crianças pelas histórias infantis com bruxas, monstros, fadas, princesas e príncipes. Trouxe, também, outros gêneros textuais, como poemas e parlendas.

Ao perceber o interesse das crianças pelo universo das Bruxas, a docente passou a trazer para as suas aulas uma parlenda a respeito de bruxas. As crianças se

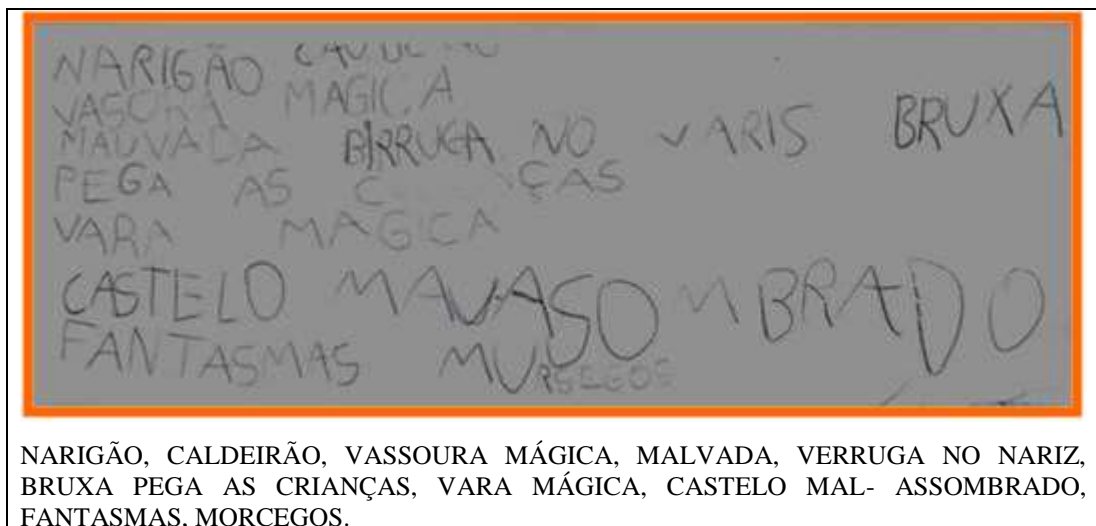
envolveram bastante e solicitavam, diariamente, que ela fosse cantada e dramatizada. Envolvida pelo desafio colocado pelas crianças de falar, expressar sobre o desejo de escrita, a professora sentiu-se instigada para uma nova experiência (ABREU, 2010).

Após brincarem muito e ouvirem muitas poesias, a professora apresentou diferentes histórias para a sala de aula, e observou que as que mais chamaram a atenção do grupo foram as relacionadas à temática de bruxas, princesas, fadas e outros monstros. Então, ela propôs que conhecessem a história da Bruxa Salomé, de Audrey Wood (2004).

Ao término da história, algumas crianças, segundo a entrevista, falaram que Salomé era muito feia, má e assustadora. Essas falas geraram uma discussão no grupo. À medida que os diálogos iam sendo desenvolvidos, a professora percebia o quanto as crianças estavam envolvidas com o repertório imagético das histórias infantis de bruxas, fadas e princesas. Além disso, a docente percebeu que as crianças estavam curiosas ainda para saber como se faz para produzir um livro, como escrever, que letras usar, quem escreve.

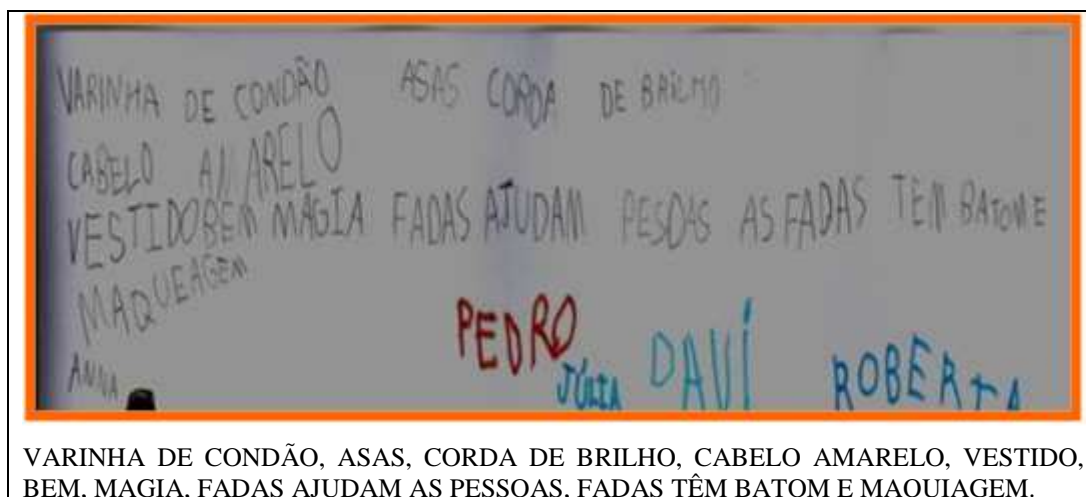
A professora, atenta aos diálogos das crianças aos pares, passou a organizar situações de aprendizagem que oportunizaram ao grupo discussões e registros de opiniões sobre características de bruxas e fadas. As Figuras 1 e 2 ilustram parte desse processo:

Figura 1 – Produções textuais das crianças sobre as bruxas:



Fonte: Abreu (2010).

Figura 2 – Produções textuais das crianças sobre as fadas:



VARINHA DE CONDÃO, ASAS, CORDA DE BRILHO, CABELO AMARELO, VESTIDO, BEM, MAGIA, FADAS AJUDAM AS PESSOAS, FADAS TÊM BATOM E MAQUIAGEM.

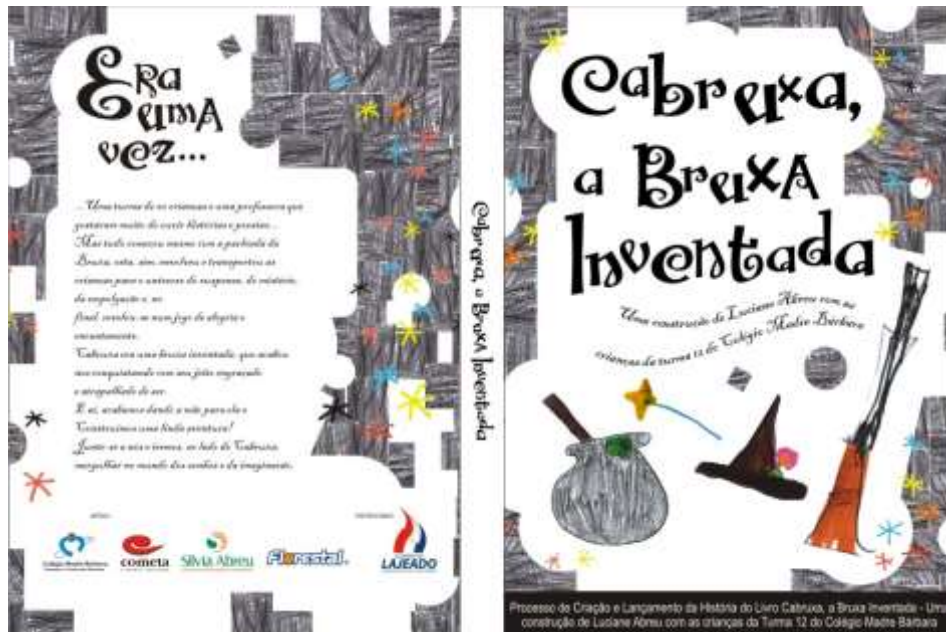
Fonte: Abreu (2010).

A partir das falas das crianças, conforme relato da professora, ela percebeu o quanto as ideias, os comentários, as histórias contadas indicavam o desejo das crianças em criarem a sua própria história. Foi então que a professora introduziu como metodologia de ensino a roda de leitura com apresentações de histórias, sendo que cada criança poderia inventar a sua. E isso motivou as crianças e cada um elaborou uma história com ajuda da família. Assim, surgiu a Cabruxa, uma personagem inventada por uma das crianças e depois recriada por todos os outros colegas.

Foi assim que nasceu a vontade nos alunos de dar vida à Cabruxa, por meio de uma aventura criada pelo grupo e pela professora. E a história começa mais ou menos assim....

Era uma vez uma turma de vinte crianças e uma professora, que gostavam muito de ouvir histórias e poesias... Mas tudo começou mesmo com a parlenda da Bruxa, esta sim, envolveu e transportou as crianças para o universo do suspense, do mistério, da empolgação e, no final, revelou-se num jogo de alegria e encantamento. Cabruxa era uma bruxa inventada, mas Cabruxa acabou nos conquistando com o seu jeito engraçado e atrapalhado de ser. E aí, acabamos dando a mão para ela e construímos uma linda aventura! Junte-se a nós e iremos, ao lado de Cabruxa, mergulhar no mundo dos sonhos e da imaginação, aonde esta história vai nos levar (ABREU, 2009, p. 2).

Figura 3 – Edição do livro:



Fonte: Abreu (2009).

Com isso, pode-se perceber como a leitura tem uma importante contribuição para estimular a imaginação. As crianças sabem que podem utilizar a linguagem oral para expressar seus sentimentos, ideias e interagir com seus pares, mas sabem também que com a escrita pode-se deixar registros. Segundo a professora, foi possível propiciar-lhes o enriquecimento do seu universo subjetivo de imagens, de signos, de representações, de sons, de desejos, para que conseguissem se iniciar num processo de tornarem-se leitoras e escritoras competentes, por meio da produção da história coletiva.

Ratifica-se, assim, que as experiências da professora com a leitura e com outros meios culturais contribuíram para que ela conseguisse provocar essa experiência de imaginação, criação e produção literária.

Outro aspecto levantado pela professora diz respeito à sua característica curiosa e questionadora, conforme relato na entrevista:

*Eu sempre fui uma aluna muito questionadora, sempre me perguntava muito sobre tudo. Eu me perguntava porque eu estava fazendo ou como eu fazia... [...] Então, foram coisas assim, que também foram provocando uma curiosidade em mim, foram me provocando a questionar, a perguntar o porquê das coisas, porque a gente só aprende quando tem questionamentos internos, dentro da gente, senão a gente não sai do lugar. (extraído da entrevista).*

Ser um sujeito curioso e questionador é essencial para toda profissão, sobretudo para o docente que busca ampliar os repertórios criativos infantis e constituir

práticas de leitura neste espaço chamado sala de aula. Para Almeida (2013, texto digital), “quanto mais cedo o sujeito começar a exercitar suas habilidades de crítica e reflexão sobre tudo o que constitui o mundo em que vive, maior a possibilidade de se desenvolver buscando sempre ações conscientes e transformadoras”. Nessa perspectiva, é atribuição do professor estimular o questionamento e a curiosidade do aluno, “tendo ele próprio uma postura investigativa sobre o conhecimento” (ALMEIDA, 2013, texto digital).

Esse perfil questionador foi fundamental na formação profissional da professora entrevistada, conforme seu relato:

*Essas coisas, assim, sempre foram me instigando muito, e depois quando eu fiz magistério, claro, a gente tinha aquelas disciplinas, algumas meio convencionais, que eu já achava, pra época, meio bitoladoras. [...] Assim, eu ficava pensando: mas será que é mesmo assim? (extraído da entrevista).*

Essa fala evidencia seu caráter questionador. Utilizando o termo “bitoladas” refere-se às disciplinas do magistério que considerava ultrapassada, o que não se repetiu nas disciplinas da graduação:

*Depois, quando eu fui pra Pedagogia, eu comecei a me encontrar mais. Percebi, que realmente era aquilo que eu pensava, que ampliou mais o meu olhar em relação aquilo que eu tive no magistério e que era, digamos, uma condução pro meu trabalho. Mas não era tudo, era apenas um começo. E a partir dali eu fui estudando mais, eu sempre fui assim, de estudar muito. Eu sempre fui muito CDF, Caxias (risos). Então, a professora dava um texto, eu já olhava dois outros textos referente ao tema, então eu procurava ler, eu procurava ver algumas outras vertentes de outros trabalho que falavam daquele mesmo tema, aí eu questionava ela em sala de aula, então a gente ia assim, acho que muito eu fui buscando o meu conhecimento, assim. Acho que foi assim que foi se construindo esse jeito de ser, professora, de não me satisfazer com pouco. Eu sempre queria ir além, buscar outras coisas, questionar, perguntar. (extraído da entrevista).*

Com isso, pode-se perceber que uma trajetória de comprometimento, reflexão, estudo e gosto pela leitura são condições importantes para a construção de um professor-leitor. Isso promove o intercâmbio e a interlocução entre a teoria e a prática e propicia-se a ampliação das buscas teóricas do professor para que encontre parceiros que respaldem o seu fazer pedagógico. Nóvoa (2001, p.14) afirma que “[...] só a reflexão sistemática e continuada é capaz de promover a dimensão formadora da prática”. Assim é possível compreender o quanto o diálogo constante com a prática é fundamental para articular e providenciar maneiras de conhecer melhor a si mesmo e a sua maneira de ser professor, seu grupo de crianças e estabelecendo uma trama entre o viés teórico e prático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe as vivências de uma docente que aprendeu a experimentar a vida através dos livros, e através dos livros foi abrindo portas a outras experiências para as crianças com as quais trabalhava. A análise da entrevista permitiu concluir que a professora investigada cultivou o hábito da leitura desde muito cedo, o que influenciou no desenvolvimento de práticas educativas significativas para a formação de leitores.

Além disso, a complementação da sua formação na especialização Lato Sensu da Univates contribuiu para o aprimoramento profissional. Com isso, a docente foi tornando-se capaz de propor soluções inovadoras na sua rotina de trabalho, como foi o caso do livro infantil produzido. Assim, este trabalho fortaleceu os resultados do projeto de pesquisa “Mestrados para formação de docentes: um locus de (re)construção e aprendizagem”, que pretende averiguar as contribuições da Pós-Graduação na formação de profissionais inovadores.

Ademais, este texto permitiu refletir, em tempos de rápidas transformações tecnológicas, com uma infinidade de atrativos para as crianças, que o livro continua sendo compreendido como fonte não só de conhecimento, mas também de prazer. A comunidade escolar e os professores precisam compreender essa perspectiva.

Além da escola, as famílias também são responsáveis por favorecer ambientes ricos em elementos culturais. Acredita-se que professores que se formaram nesses espaços, têm uma bagagem cultural mais elevada, o que contribui para desenvolverem práticas mais significativas para a constituição de cidadãos comprometidos com a sociedade.

Esta escrita demonstra um processo de construção educacional que se dá pela vivência diária, pela partilha de ideias, por acreditar no potencial das crianças de maneira corresponsável, os quais são elementos essenciais para um trabalho significativo e que tenha sentido para alunos, professores, pais, comunidade escolar.

É fundamental que a criança, independente dos contextos sociais ao qual pertença, encontre professores que sejam referências de cultura leitora para que elas possam inserir-se no universo cultural.

As percepções aqui elencadas não se encerram. Busca-se, constantemente, por uma educação que extrapole os limites da sala de aula, que supere suas dificuldades cotidianas e favoreça a criatividade, a leitura, estimulando os envolvidos a empreenderem iniciativas, propiciando um trabalho pela autoria e pela valorização da leitura na escola. A



construção da leitura e da escrita com as crianças, bem como as diferentes formas de expressão sempre serão fundamentais na escola.

### **A READER TEACHER'S TEACHING PRACTICES**

**ABSTRACT:** The promotion of reading incentive comprises one of the main objectives of Elementary Education, especially in the Early Years. This focus on reading leads to questions such as: Do reader teachers develop significant educational practices to form reader students? Faced with such questioning, this article is intended to report on and reflect upon relevant instances in the trajectory of an Elementary Education teacher who, since her childhood, has experienced possibilities made possible by books and other cultural media and, as a result, became a reader. The investigation, of a qualitative approach, was carried out through an semistructured interview with a teacher. All the information was treated following guidelines from Discursive Textual Analysis. The approaches allowed to reach the conclusion that, for cultivating the habit of reading since very early on, the above teacher develops with her students significant educational practices to form readers.

**KEYWORDS:** Teaching characteristics. Habit of reading. Pedagogical practice. Elementary Education.

### **PRÁCTICAS DOCENTES DE UNA PROFESORA LECTORA**

**RESUMEN:** Promover el incentivo a la lectura se constituye en uno de los principales objetivos de la Educación Básica, especialmente en los Años Iniciales. Ese enfoque en la lectura lleva a interrogaciones, tales como: profesores lectores desarrollan prácticas educativas significativas para la formación de alumnos lectores? Delante de ese interrogatorio, se pretende, en este artículo, relatar y reflexionar sobre momentos relevantes de la trayectoria de una profesora de Educación Básica que experimentó desde la infancia posibilidades proporcionadas por el libro y por otros medios de cultura y, en razón de eso, se volvió lectora. La investigación, de abordaje cualitativo, ha sido realizada a través de entrevista semi-estructurada con una profesora. El tratamiento de las informaciones siguió las direcciones de la Análisis Textual Discursiva. Los enfoques permitieron concluir que esa profesora, por cultivar el hábito de la lectura desde muy temprano, desarrolla con sus alumnos prácticas educativas significativas para la formación de lectores.

**PALABRAS-CLAVE:** Características de Enseñanza. El hábito de la lectura. La práctica pedagógica. La escuela primaria.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, L. *Bruxas, bruxos, fadas, princesas, príncipes e outros bichos esquisitos...* as apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais. 2010. 163 f. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

ABREU, L. (Org). *Cabruxa, a bruxa inventada*. Lajeado: Ed. do Colégio Madre Bárbara, 2009.

AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p.7-37.

- ALMEIDA, P. A Construção do pensamento crítico e reflexivo em crianças das séries iniciais. *Portal Educação*. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/26727/a-construcao-do-pensamento-critico-e-reflexivo-em-criancas-das-series-iniciais#ixzz3hEB1rmtC>>. Acesso em 28 jul. 2015.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRITTO, L. P. L. Leitura, política e cultura. In: MARTINS, A. A.; BRANDÃO, H. M.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 77-92.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COSTA, M. M. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. Curitiba: InterSaberes, 2013. E-book.
- CUNHA, M. I.; MARCHESINI, B. *O bom professor e sua prática*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Editora Cortez, 1982.
- JOSÉ, E. *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M.C. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2013.
- NÓVOA, A. Professor se forma na escola. *Nova Escola*. São Paulo, n.142, ano 16, maio/ 2001.
- SANTOS, V. L. B. Atenção! Crianças brincando! In: CUNHA, S. R. V. da (org.) *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 93-126.
- SOUSA, A. C. *A formação de professores-leitores: as marcas de um caminho e suas relações com uma educação para a leitura*. 2006. 108 f. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.
- SILVA, A. A. *O papel da literatura na formação de professores do ensino fundamental*. 2010. 39 f. (Monografia), Curso de Pedagogia. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Craciúma/S.C., 2010.
- SILVA, G. F.; ARENA, D. B. *O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária*. *Álabe*, n. 6, p. 1-16, dezembro 2012. Disponível em: <<http://revistaalabe.com/index/alabe/article/download/105/116>>. Acesso em 24 jul. 2015.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookmann, 2005.
- WOOD, A. *A bruxa Salomé*. São Paulo: Ática, 2004.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em dezembro de 2015.